

# Demissões por assédio sexual chegam a universidades

*Duas instituições federais afastaram três professores no ano passado, após receberem relatos de alunas sobre conduta imprópria; mesmo com canais para denúncias, estudantes temem represálias*

[\(O Globo, 12/02/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Três casos de demissões de professores de instituições públicas levaram aos holofotes o debate sobre o assédio sexual e os desvios na relação de poder entre docentes e estudantes. No ano passado, após uma série de denúncias e sindicâncias, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a de Goiás (UFG) afastaram membros do magistério que teriam forçado encontros com alunas e enviado mensagens eróticas pelo celular, conforme publicou o jornal “Folha de S.Paulo” no último domingo.

Em comum, as alunas admitem dificuldades em relatar os casos de assédio — acreditam que podem sofrer represálias, inclusive nas avaliações acadêmicas, e temem que as comissões montadas para averiguação sejam compostas por colegas dos denunciados.

A UFF demitiu, em abril de 2018, o professor de ciência política José Henrique Organista, que teria assediado 16 alunas no campus da universidade em Campos dos Goytacazes. Uma delas, que pediu ao GLOBO para não ser identificada, lembra que o professor a chamou para jantar pelo WhatsApp e chegou a pedi-la em casamento.

— Enquanto fui aluna dele, não o bloqueei porque era vice-representante de turma e me sentia na obrigação de manter esse canal aberto. Hoje vejo que era um equívoco.

Procurada, a UFF afirmou que não há mais investigações sobre a conduta de Organista, já que ele “não faz mais parte do quadro de docentes”. Por meio de seu advogado, o professor negou à “Folha” que tenha cometido os abusos.

## **Em Goiás, dois demitidos**

A UFG, por sua vez, lidou com dois casos em apenas um mês. Em junho, demitiu o professor de engenharia agrônoma Américo José dos Santos Reis, após quatro denúncias de assédio. Logo depois, foi a vez de Rogério Elias Rabelo, que lecionava medicina veterinária, acusado de estuprar duas alunas.

De acordo com Ezequiel Moraes, advogado de Reis, suas ex-alunas “criaram” motivos para retaliar o professor “em decorrência da não apresentação (...) de relatórios e de apresentação de trabalhos incompletos”. A defesa de Rabelo não foi localizada. A UFG ressaltou que não se manifestaria sobre os casos, “considerando os ritos no processo legal”, onde foi preservada a identidade das vítimas.

Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria, Miriam Gorender avalia que casos de assédio decorrem de uma sensação de impunidade por parte dos professores denunciados.

— Não existe a possibilidade de vivermos uma relação totalmente simétrica. O professor deve ter o mínimo de autoridade para lecionar. A grande questão é até onde vai essa autoridade, e essa é uma linha muito tênue — adverte. — O ser humano não é especificamente bondoso. Precisamos estabelecer sempre mecanismos de controle.

Segundo o Ministério da Educação, a apuração e punição de casos como os de assédio sexual devem ser feitos pelas próprias instituições federais.

## **Veja depoimentos das vítimas**

### **‘Falei que não admitiria aquilo, e ele começou a me retaliar’**

“Era professora substituta com um contrato temporário de um ano, que poderia ser renovado para dois. Fui assediada já no primeiro mês de trabalho na UFF. Na época, ele não era o meu chefe, mas acabou ocupando essa posição. Começou a me dar muita atenção pelos corredores, puxar muito assunto. Até que um dia veio com uma conversa esquisita, perguntou sobre minha vida pessoal, e eu saí de perto.

Depois, começou a me mandar mensagem, me afastei e ele tentou vir conversar comigo pessoalmente. Falei que não admitiria aquilo, que não queria que ele tocasse mais no assunto. Foi quando ele começou a me retaliar na instituição. Pressionada e bem desgastada, decidi abandonar o contrato, não me sentia segura. Eu dava aula à noite e o via me observando com muita frequência, comecei a ficar bem preocupada e entrei com processo administrativo. Foi aberta uma comissão interna de inquérito, prestamos depoimento um ano depois, em 2012, mas nunca obtive resposta alguma. A comissão ainda chegou a se comunicar comigo durante o processo, mas nunca tive um retorno da denúncia.”

### **‘Ele me pediu para não contar nada, que isso destruiria sua carreira’**

Entre na UFF, em Ciências Sociais, aos 26 anos, em 2014. Ele era professor de Ciência Política. No primeiro dia de aula, pediu nossos e-mails e telefones. Fez um print da minha foto no WhatsApp e a mandou para mim com a frase “Bonita essa moça, né?”. Fiquei sem reação, não respondi. Começou a puxar assunto quase todo dia, dizia que era uma pessoa muito solitária, chegou a me convidar para jantar.

Falei que estava sendo inconveniente e que era para ele parar. Ele então pediu desculpas e disse para eu não contar nada para ninguém, que isso poderia destruir a carreira dele, porque já havia outras denúncias contra ele na UFF e porque era tudo injusto e perseguição. Dias depois, começava de novo.

Durante o primeiro semestre ainda, conversando com um grupo de alunas, uma falou que estava recebendo mensagens de cunho sexual dele. Outra menina falou que também era assediada, e assim fomos identificando outras alunas. Hoje, consigo falar sobre o assunto. Mas durante muito tempo eu me culpei. Só depois de muito tempo e de encontrar uma rede de apoio entendi que não era minha culpa.

*Ana Paula Blower, Paula Ferreira e Renato Grandelle*